

## 30.

Nunca pensei que chegaria a este momento. E aqui estou. Destruída, acabada, morta por dentro. Enxugo os olhos e volto ao que estava fazendo como uma funcionária diligente que não pensa, não hesita; só executa. Finco a pá na terra e vou abrindo a cova. Apesar de demandar grande esforço, tudo ainda parece um sonho. Na verdade, um pesadelo. Irreal, intangível, como se acontecesse em outro tempo ou com outra pessoa. A história absurda e violenta que se escuta da amiga de uma amiga. É cruel que uma coisa dessas aconteça *de verdade*. Mais cruel ainda que aconteça comigo. Enquanto revolvo a terra, repasso cada instante, cada escolha, cada migalha de culpa e omissão que me trouxe até aqui. É um caminho repleto de buracos e zonas cinzentas. Não posso ficar sofrendo. Não tem mais volta. Aconteceu.

Abrir uma cova é mais cansativo do que eu pensava. Sinto falta de ar, fico zonza e exausta. Solto a pá e aperto os olhos para medir o buraco. Acredito que, sim, é suficiente para uma criança. As lágrimas voltam, impossíveis de conter; é uma coisa física, não emocional. Deixo que sigam seu trajeto pelo meu rosto, levem consigo a maquiagem da noite de ontem e se misturem ao suor no meu pescoço até alcançarem o vestido vermelho, que, se antes era elegante e sedutor, agora soa inadequado, quase absurdo, neste lugar imundo e abandonado pelo

tempo. A noite prometia tantas respostas. Cheguei a ter esperanças. Como tudo pôde terminar assim?

Indiferente à minha dor, o sábado amanhece. Um sol tímido, encoberto por nuvens, vai iluminando o quintal dos fundos da casa onde eu cresci, a casa que odeio e sempre odiei. É como se a luz trouxesse vida aos objetos, deixando a experiência mais brutal. O mato alto, com flores mortas e ervas daninhas, abraça as ferramentas enferrujadas, o entulho, o velocípede quebrado, os restos do meu caderno amarelo, destruído pelo fogo na pilha de pneus velhos, e o balanço de madeira preso aos galhos firmes da única árvore desse jardim patético que minha mãe um dia sonhou manter. Sinto uma vontade inconveniente de gargalhar, mas engasgo. Uma bola de fogo desce pela garganta na direção do estômago. Minhas entranhas fervem.

Não tenho muito tempo. Fico de pé e caminho até Sara. Eu a deixei deitada junto ao muro, fora do campo de visão, para não ser obrigada a olhar para ela enquanto abria a cova. Não posso mais adiar. Tenho que encarar o estrago. Eu me agacho para pegá-la no colo. Aos dez anos, ela pesa pouco mais de vinte e cinco quilos. Com delicadeza, eu a deito no túmulo e, evitando olhar para baixo, começo a cobrir seu corpinho com ajuda da pá. Primeiro os pés, com os All Stars coloridos que ela adorava, de cadarços fosforescentes; depois as meias longas listradas que chegam até a altura dos joelhos, e finalmente o pijama com bolinhas cor-de-rosa. A terra fofa facilita o trabalho. Em poucos minutos, só falta cobrir seu rostinho sereno, apesar do sangue coagulado na testa.

— Desculpa — sussurro.

Quase não reconheço minha voz. Acaricio o pescoço frio, ajeito os cabelos loiros e me controlo para não beijar sua bochecha uma última vez. Ela era tão doce, tão curiosa pelo mundo, tão forte e determinada a lutar. Não merecia esse fim horroroso. A culpa é minha.

Passarinhos cantam, a brisa sacode as folhagens, o mundo segue adiante. Meu corpo está quente, febril. Sinto que vou desmaiar a qualquer momento. Termino de enterrá-la e jogo a pá longe. Recoelho algumas flores coloridas e deixo sobre a terra, junto ao bilhete que escrevi tentando explicar tudo. Estou tão ofegante que me assusto quando o

celular volta a tocar. Demoro a reconhecer o toque, a musiquinha irritante de algum desenho animado.

Não é meu celular. É o de Angela, que guardei no decote.

Atendo.

— Angela? Filha, o que aconteceu? — Vicente grita do outro lado.

— Fala comigo! Onde vocês estão? Pra onde essa louca levou vocês?

Mil respostas vêm à minha mente. Ensaio dizer alguma delas, mas não sai nada. Vicente identifica minha respiração pesada do outro lado da linha, porque logo emenda:

— Eva? Que merda você fez? Pra onde você foi? — Ele suspira. — Se machucar minhas filhas, eu te mato! Te mato!

Conheço esse tom do Vicente. Ele sempre foi calmo, gentil, de fala mansa e racional. Mas, como bom filho único criado nas melhores escolas, com as melhores viagens de férias e os melhores pais do mundo, detesta perder o controle.

— Vai... Me diz. Onde? Confia em mim — ele arrisca, baixando a voz. Também conheço essa condescendência posada, típica dos advogados. Ele espera, mas não aguenta e logo se revela: — Anda! Fala logo, sua filha da puta!

O palavrão não me machuca. Ao contrário, chega como uma confirmação óbvia, ainda que cruel: estou fodida.

— Que caralho você fez, Eva? Cadê meu carro, porra? — ele continua. — Passa o celular pras meninas!

Enquanto ele fala sem parar, busco identificar os sons do outro lado. Ele ainda está no hospital? Ou já pegou um táxi? O som de uma buzina deixa claro que ele está na rua, no trânsito. Deve estar vindo para cá, atrás de mim. Devo ter mais quinze minutos, no máximo. Preciso me apressar. Não posso correr o risco de que Vicente me encontre.

Desligo. Dói demais ouvir a voz dele. Volto a guardar o celular e retorno à casa. Pontos pretos surgem à minha frente. Quero esfregar os olhos, mas noto o sangue nas mãos. Entro pelos fundos, cruzo o corredor até o quarto da minha mãe e destranco a porta. Angela está encolhida debaixo da penteadeira, com a cabeça enfiada entre as pernas, chorando. Usa um pijama igual ao da irmã, com bolinhas cor-de-rosa. Vicente sempre gostou de vestir as gêmeas com roupas iguais,

até mesmo para dormir. Eu era contra. Agora esse tipo de discussão tão banal parece uma piada de mau gosto.

Quando avanço na direção dela, Angela levanta o rosto e me encara assustada. Na bochecha esquerda, a marca do tapa, uma mancha vermelha e disforme. Seu nariz continua a sangrar. Antes que eu diga qualquer coisa, ela se adianta:

— Cadê a Sara?! O que você fez com ela?

Sem responder, afasto a cadeira e a puxo pelo braço. Angela grita, agita as pernas, tenta se desvencilhar, mas não consegue.

— Me solta! Eu quero meu pai... Me deixa falar com meu pai.

Com certo esforço, arrasto Angela para fora do quarto e cambaleio até a sala. A televisão ainda está ligada — o jornal mostra uma reportagem sobre os preços altos nos supermercados. Passo direto pela cristaleira cheia de bonecas e abro a porta da frente. Desço os degraus, empurro com o quadril o portão baixo, que range, e vou para a calçada.

A rua está deserta. Sigo até o carro, estacionado na frente da casa. Na lataria, resquícios de arranhões e tinta. É impressionante como as pessoas podem ser cruéis e insensíveis. Logo abandono esses pensamentos, abro a porta do carona e empurro Angela para dentro. Bato a porta e aperto o botão para trancar, sem dar a ela qualquer chance de escapar de mim.

Enquanto contorno o carro pela dianteira, observo o terço com o pingente de Nossa Senhora Aparecida pendular no retrovisor interno. Nunca fui exatamente religiosa, mas sempre tive um pouco de fé. Em Deus. Nos santos. Em milagres e redenções. Depois de hoje, não acredito em mais nada. No banco do motorista, giro a chave na ignição. Encaro a casa de subúrbio uma última vez, com o número vinte e dois na fachada e o muro baixo que mandei pintar há algumas semanas. Piso no acelerador.

Felizmente, ainda não há trânsito. Em poucos minutos, cruzo la-deiras e margeio a linha do trem até deixar o bairro residencial e alcançar a via expressa, com as faixas opostas separadas por uma mureta. A musiquinha irritante volta a tocar, e só então me lembro do celular que guardei entre os seios. É Vicente outra vez.

— Quero falar com meu pai — Angela diz, estendendo a mão.

Entreabro a janela e, sem pensar muito, jogo o celular fora. Angela se aninha no banco, emudecida, pequena diante do painel. Deixo a Linha Vermelha e tomo a BR-040. Ali, o SUV ganha velocidade. Cem. Cento e vinte. Cento e cinquenta quilômetros por hora. Carros buzina quando passo por eles, tirando fina de suas carcaças. Angela faz menção de colocar o cinto de segurança, mas eu a impeço com um tapa forte no braço. Acuada, tenta abrir a porta do carro em movimento, mas está tudo travado. Sem saída, ela segura a alça do teto e se agarra ao encosto, enquanto me encara com horror genuíno.

— O que você tá fazendo? Me leva pro meu pai!

Acelero mais e mais. A esta altura, as pistas contrárias não têm mais nada que as separe, apenas a sinalização no asfalto. Pelo retrovisor, observo a cadeirinha com o cinto de ursinhos e as pelúcias de elefante e girafa que comprei para Luquinhas há poucos meses. Um pensamento bom me invade e consigo sorrir. Um sorriso curto, que logo vai embora.

Fecho os olhos e, lentamente, como quem se deixa guiar numa valsa, viro o volante para a esquerda. O carro abandona a pista e trepida quando os pneus atropelam as tartarugas da faixa dupla, chegando ao outro lado. Um coro de buzinas ressoa no sentido contrário. Carros desviam para a esquerda ou para a direita enquanto acelero. Entreabro os olhos a tempo de ver uma picape se jogar no acostamento. Por um triz.

Como um bicho, Angela pula em cima de mim, tenta puxar o volante, trazer o carro de volta à pista. Eu não deixo. Sigo na contramão. Um Siena avança contra nós e desvia no último instante. Então, a poucos metros, um caminhão surge na curva à esquerda e desce o declive. O motorista buzina, enquanto nossas velocidades em sentido contrário devoram a estrada. A carreta de cabine azul avança lenta e pesada, como uma onda gigante, um muro de concreto contra nós. Volto a fechar os olhos, mantenho firme o volante. Não posso hesitar, não agora. É minha única saída.

— Eu não quero morrer, mamãe! — Angela urra. — Por favor, eu não quero morrer!

É a última coisa que escuto. Em um milésimo de segundo, tudo acaba. A buzina explode em meus tímpanos. O impacto projeta meu corpo e o de Angela pelo painel, cacos rasgam minha pele, meu peito rasga, minha cabeça gira. Então não sinto mais nada.

UM ANO ANTES DO FIM



# 1.

— O resultado acabou de chegar... Deu positivo, Eva! Você está grávida!

Fico muda. Aperto o celular, enquanto meu coração bate mais forte e começo a suar frio. Do outro lado da linha, consigo escutar a caneta de Vera, minha médica, martelando o tampo de vidro. Ela desiste de esperar minha resposta.

— Eva, você me ouviu? Você conseguiu, amorzinho. Já está de seis semanas.

— Cem por cento de certeza?

— O exame é bastante preciso. — Há certa impaciência na resposta.

— O que foi? Você está feliz, não está?

— Sim... Claro que sim — respondo, talvez rápido demais.

— Escuta... Vou ter que desligar. Minha agenda está bem cheia hoje. Liguei só pra contar... Sei que você estava ansiosa.

— Obrigada... Obrigada! — digo, forçando um entusiasmo que, por algum motivo, ainda não sinto. Percebo que ela já está desligando quando emendo: — Vera, desculpa... Posso te pedir um favor? Não conta pra ninguém ainda. Pelo menos por enquanto.

— Claro, imagina... Não vou te tirar o prazer de espalhar a boa nova pra todo mundo. Nem posso, por questão de ética!

Ela dá uma risada curta. Além de minha médica, Vera é minha amiga. Moramos no mesmo condomínio. As meninas e o filho dela, Arthur, estudam juntos e estamos no mesmo grupo de WhatsApp de mães. Nos encontramos todos os fins de semana na piscina, no parquinho, na academia ou na praia da Reserva. Nossos maridos veem futebol juntos e organizam churrascos.

— Nossa, o Vicente vai ficar tão animado! Vocês merecem! Precisam comemorar... Mas sem vinho, hein? Só suco de uva a partir de agora.

Outra risadinha, e ela desliga mandando beijo. Sentada no sofá, continuo com o celular na orelha por mais algum tempo, como se esperasse outra voz surgir e gritar: *pegadinha!* Então, baixo o braço, deixo o telefone na almofada, me levanto devagar, um pouco zonzá, e paro na frente do espelho. Automaticamente, meus olhos correm para baixo, para a cintura fina, com a barriga à mostra pelo *top* de *lycra*, e para a calça *legging* colada no quadril. Eu estava a caminho da musculação quando o celular tocou. Vera me pegou desprevenida.

Desisto de sair e volto a me sentar. Tudo começou dias atrás. Minha menstruação estava três semanas atrasada, mas nem liguei. Sempre fui irregular. Em uma segunda-feira, depois de deixar as gêmeas na escola, mudei o trajeto de volta para casa, como quem se lembra de passar no supermercado. Tomei um táxi na avenida das Américas até a farmácia mais próxima e comprei um teste de gravidez. Não queria comprar na farmácia que fica dentro do condomínio porque Ruth, a proprietária, mora no nosso prédio e adora fofoca.

De volta ao apartamento, me tranquei no banheiro, mesmo estando sozinha, e fiz o teste. Aguardei tensa enquanto o primeiro traço e depois o segundo surgiam no dispositivo, como um passe de mágica. Mesmo dando positivo, continuei sem acreditar. Meses antes, um teste de farmácia havia dado falso-positivo; algo raro pelo que eu soube, mas que acontecia. Além do mais, eu não me *sentia* grávida — e sempre confiei na minha intuição. Preferi não contar nada ao Vicente. Não queria alimentá-lo com expectativas para depois descobrir que era outro alarme falso. Como uma agente secreta, consegui um encaixe com Vera sem precisar alterar minha rotina ou avisar ninguém. O consultório

dela fica em um pequeno *mall* ao lado do nosso condomínio, a uma distância de dez minutos a pé. Em menos de meia hora, fui atendida.

Por um instante, penso no porre que eu e Vicente tomamos no fim de semana. As gêmeas estavam com a Clarinha na casa da Solange, nós ficamos livres e sozinhos, como quase nunca acontecia. Era um momento único, de liberdade adolescente, sem o peso de cuidar de duas meninas. Vicente também se sentia especialmente festivo naquele sábado — as coisas andavam promissoras para ele no escritório. Saímos para jantar comida japonesa em um restaurante novo no *shopping*, e ele fez questão pedir uma garrafa de saquê.

Enquanto emborcava o primeiro copo, cheguei a pensar: *melhor não...* Mas engoli o pensamento junto com o arroz fermentado, delicioso por sinal. Ao virar o saquê, eu estava me arriscando. Mas era um risco calculado. Queria curtir a noite. Em casa, transamos maravilhosamente. Começamos na sala, largando as roupas pelo caminho; aquecemos na cozinha, com um oral maravilhoso na bancada, e terminamos na cama. Foi uma delícia, mas agora me sinto péssima e irresponsável.

Espanto a ideia, tento clarear os pensamentos. Sim, eu quero um filho. Vicente também. Conversamos muito sobre isso nos últimos meses, desde que parei de tomar pílula.

— Um terceiro filho pode ser maravilhoso — ele sugeriu na época. — Você é saudável e linda! Por que não damos chance ao destino?

E agora aconteceu. Qual é o problema? Chafurdo meu vocabulário mental, e a palavra mais próxima que consigo para definir o que estou sentindo é *medo*. Parece ridículo, absurdo. Como posso sentir medo de um futuro maravilhoso, cheio de possibilidades? Recuso a definição e encontro outra: *paralisia emocional*. É isso. Diante de uma coisa tão deslumbrante e esperada, não sei como reagir. E essa falta de reação me apavora.

Para variar, estou problematizando quando deveria apenas me deixar inundar por sentimentos bons. Nós temos uma rotina tranquila, uma vida financeira estável, moramos em um condomínio com toda a infraestrutura, com uma vizinhança amiga e atenciosa. Nossa vida é perfeita. Somos uma família feliz. E é assim que eu devo me sentir: *feliz*.



Ponho na mesa pães quentinhos, frutas (bastante uva verde sem semente, que as meninas adoram), suco de laranja, um bolo de chocolate amargo que eu mesma fiz, queijos duros, geleia, tapioca e um pote de Nutella. Ansiosa, encaro o relógio, depois a porta, então o celular pela centésima vez. Faz uns cinco minutos que Vicente enviou mensagem avisando que tinha pegado as gêmeas na escola, mas eles devem estar presos no tráfego intenso do condomínio a essa hora. Checo minha imagem no espelho: o vestido bonito e caseiro que escolhi, de tecido leve azul-claro, combina com as sandálias de salto baixo. Preferi deixar os cabelos soltos, fiz uma escova e uma maquiagem leves. Levei mais tempo nisso do que esperava. Às vezes, a maquiagem para parecer que não se está maquiada é a mais trabalhosa de todas. Não quero que Vicente perceba o quanto me preparei para esse momento. Quero que tudo seja natural e maravilhoso.

Cogito me sentar, mas estou nervosa demais. Pego um livro e me recosto no braço do sofá, viro as páginas, leio palavras soltas, até que eles finalmente chegam. Escuto a chave girar na porta, e ela logo se escancara. Deixo o livro de lado num movimento que, por um segundo, me parece teatral demais. Angela vem correndo e abraça minha cintura. Joga a mochila sobre o sofá e vai abrindo o zíper.

— Olha, mãe! Olha quanto eu tirei em Ciências!

Ela estende duas folhas grampeadas, que encaro um pouco zozna. No topo, a professora escreveu em caneta vermelha: *9,5*, com um *Parabéns!!!* ao lado, finalizado com estrelinhas.

— E a Sara tirou só oito — Angela diz, apontando a irmã. — Ela não ganhou nenhuma estrela.

Sorrio e olho para Vicente, que balança a cabeça de leve.

— Oito também é uma ótima nota — replico. — As duas estão de parabéns.

Vicente se aproxima e lança uma piscadela para mim, então se volta para as meninas. Dá tapinhas leves no bumbum das duas, enquanto as conduz pelo corredor.

— Pro banho... Já... Vocês estão muito suadas.

Elas obedecem, e eu fico ouvindo as risadas e as vozes abafadas de Angela e Sara se revezando para contar com entusiasmo sobre a escola. Vicente volta sozinho, de bermuda e regata. Gosto de olhar para ele — não importa quanto tempo passe, meu marido continua a ser o homem mais bonito que conheço, com um e noventa de altura, os olhos castanhos, profundos, emoldurados por óculos retangulares; o sorriso largo e caloroso, desenhado por uma barba discreta no rosto anguloso.

— Fiz cinco reuniões hoje — ele diz. — E você acredita que aquele juiz desgraçado indeferiu meu pedido de extensão de prazo? As impugnações vão ficar todas pro final da semana.

Toda noite, Vicente me conta como foi seu dia. Gosto de escutá-lo detalhar as conversas com os clientes do escritório, narrar os momentos de tensão no tribunal como se fossem um capítulo de seriado, mencionar nomes de pessoas que não conheço e nunca vou conhecer, mas que fazem parte do meu imaginário. Ele é como um mensageiro que traz notícias do mundo lá fora. Hoje, ainda que nada do que Vicente tem para me dizer seja tão importante quanto o que tenho a dizer para ele, não o interrompo.

Só então ele se dá conta da toalha de mesa especial, do bolo e do pote de Nutella, que em geral eu não permito que as crianças comam no lanche da noite.

— Uau, a mesa hoje tá caprichada! Estamos comemorando alguma coisa?

Eu o encaro. Chegou a hora. Sorrio e faço que sim com a cabeça, de leve. Ele devolve um olhar confuso, não entende de cara. Percebo que vasculha na mente se esqueceu alguma data importante: o dia que nos conhecemos, nosso aniversário de namoro...

— Aconteceu, Vicente — digo. — Estou grávida.

A naturalidade com que seus olhos se enchem d'água me emociona. Não há qualquer vestígio de hesitação. Ele sorri, enxuga as lágrimas que escorrem sem vergonha e se levanta para me abraçar. Acaricia minha cabeça contra seu peito largo e baixa o rosto para murmurar em meu ouvido:

— É a melhor notícia do mundo, princesa. Eu nem acredito...

— Também ainda estou sem acreditar... Um bebê!

Ele segura meu rosto entre as mãos e me enche de beijos. Seus olhos brilham ao me encarar. É um olhar inédito, especial, como se subitamente eu tivesse me tornado uma figura divina.

— Vai ser um menino — ele diz.

É impossível resistir à certeza dele. Vicente sempre foi um grande pai: tem uma energia contagiante, um entusiasmo infantil para inventar brincadeiras e se divertir de verdade com elas, além de uma paciência sem fim para contar histórias e encontrar explicações criativas para as perguntas que as meninas fazem. Nesses anos, não sei quantas vezes vi meu marido assistir ao mesmo filme da Disney, buscar incansavelmente na Internet o exato modelo de vestido da princesa que as meninas queriam ou ensaiar com elas a coreografia completa da música do momento, tocada à exaustão. Jamais percebi nele qualquer frustração por ser pai de duas meninas, donas de um mundo completamente diferente do dele. Mas, ao dar a notícia, encontro algo novo em Vicente, uma excitação irracional com a possibilidade de ser pai de um menino. Por um instante, desejo que ele tenha razão. Não quero desapontá-lo.

Estamos abraçados, emocionados, lado a lado na mesa, quando as meninas vêm correndo, com os cabelos molhados, já de pijama. Na idade delas, tudo tem muita urgência. As duas estão sempre gritando, correndo, pulando, cantando, mexendo em algo ou fazendo tudo isso ao mesmo tempo. Elas se sentam na mesa e vão se servindo, sem perceber o que está acontecendo. Em uma troca de olhares, faço um gesto de cabeça para que Vicente tome a iniciativa e dê a notícia. Ele pigarreja e começa, enquanto esfarela o bolo de chocolate em um pratinho.

— A gente tem uma surpresa maravilhosa — Vicente diz, e olha para mim. — Vocês vão ganhar um irmãozinho.

Sara e Angela se encaram. Então escancaram a boca em um *Ohhh* sonoro e me observam, fascinadas.

— Posso escolher o nome dele? — Angela pergunta.

— A gente não tem certeza se vai ser mesmo um menino — corrijo.

— Se for menino, a Angela escolhe. Se for menina, a Sara escolhe. Que tal?

A sugestão me pega de surpresa. Vicente não deveria oferecer uma coisa dessas sem me consultar. Por mais que eu ainda não tenha pensado no assunto, quero poder escolher o nome. Ao mesmo tempo, não quero contrariá-lo, especialmente em um momento de celebração. Engulo o incômodo e sorrio.

— Acho uma ótima ideia — digo. — Mas não comentem com ninguém ainda sobre a gravidez. É um segredo só nosso, tudo bem?

— Como assim, Eva? Por quê? Minha vontade é ir até a janela e gritar pra todos os vizinhos escutarem! Eu vou ser pai de novo! E dessa vez de um garotão!

Ele bate as mãos fechadas no peito, como o Tarzan, e uiva de alegria. As meninas acham graça e imitam o pai, repetindo — Um garotão! Um garotão! — em uníssono.

— É sério, Vicente. Melhor ficar só entre a gente. Por enquanto. É só que... — Eu me volto para as meninas e explico: — É só que o bebê ainda é muito frágil, pequenininho. Está se desenvolvendo, começando a crescer dentro da mamãe, sabe? Não é bom sair falando disso por aí.

— Tudo bem, mamãe.

Angela aceita e começa a comer uma tapioca com Nutella. Sara não come nada. Respira ofegante, amassa a toalha de mesa com as mãozinhas.

— Por quê, mamãe? O bebê... Ele ainda pode morrer?

— Não, claro que não! — Vicente diz.

A resposta é enfática, mas vem tarde demais. O rosto de Sara fica vermelho, e ela começa a chorar. Treme e soluça, enquanto vou me sentindo uma imbecil sem coração por provocar isso. Eu devia ter previsto sua reação. Há pouco mais de um ano, Sara teve uma doença autoimune que comprometeu seu pulmão. Ela passou um tempo no hospital, conviveu com a sombra da morte, a ameaça do fim precoce. Desde então, se emociona à toa, chora ao encontrar uma borboleta morta no jardim ou ao ver um filme na TV em que alguém se machuca.

— Ei, ei... Não fica assim, meu amor — digo, acariciando seus cabelinhos loiros. — O bebê está bem... Vai dar tudo certo.

Aos poucos, o choro vai cessando. Ela solta pequenas fungadas, esfrega os olhos e me encara com ar de dúvida. Então olha para Angela e depois para Vicente.

— Vai mesmo, papai? — pergunta, ainda manhosa.

— Sem dúvida, princesinha. Sabe quem vai adorar saber a novidade? O vovô e a vovó! Por que a gente não conta pra eles?

Sara se anima. Vicente busca minha aprovação antes de pegar o celular. Eu aceito, claro. Meus sogros são pessoas maravilhosas, o típico casal-modelo, os pais que todos adorariam ter: uma advogada e um engenheiro bem-sucedidos, agora aposentados, cheios de animação, vitalidade e lucidez para aproveitar a terceira idade. No ano passado eles botaram sua casa no Recreio dos Bandeirantes para alugar e decidiram rodar o mundo, começando pela América Latina. Todo dia eles telefonam ou mandam fotos no WhatsApp para mostrar onde estão e o que estão comendo. Por correio, enviam postais, lembrancinhas e presentes para as netas.

Vicente liga por vídeo para a mãe, que atende no segundo toque. Luiza usa um vestido de noite e está sentada numa mesa ao lado de uma piscina de borda infinita, com palmeiras ao fundo. Em algum lugar, uma banda instrumental toca um ritmo animado.

— Estamos em Cancún, filho! Isso aqui é o paraíso! — ela diz. — Seu pai está aqui na minha frente, atracado com uma lagosta! — Luiza vira a câmera para mostrar o marido, César, com a pele vermelha de tanto sol. Diante dele, há um prato bonito de frutos do mar.

— A gente vai ganhar um irmãozinho! — Angela se adianta, pegando a todos de surpresa.

— Meu Deus, isso é maravilhoso! — Luiza repete sem parar. — Parabéns, filho!

Os dois erguem suas taças de vinho e brindam ao futuro neto. *Nota 9,5! Com estrelinhas!*, penso, mas não digo. Seria uma maldade. É claro que estou incluída nas felicitações da família. Só me incomodo porque, ao contrário de Vicente, não tenho para quem ligar. Não tenho ninguém para quem precise contar a novidade com urgência. Emocionada, Luiza diz que podemos contar com eles para o que precisarmos nos próximos meses.

## UMA FAMÍLIA FELIZ

Após desligar, Angela puxa Sara da mesa e as duas saltam no sofá, de mãos dadas, enquanto gritam «um irmãozinho!». Vicente se junta a elas, girando, pulando, jogando almofadas. Ele me estende a mão, me chama para a brincadeira. Hesito, mas aceito. Faço cosquinhas em Angela, depois em Sara. As duas me atacam de volta, e eu me engasgo com as gargalhadas e peço socorro a Vicente. Aos poucos, relaxo, me divirto. De repente, sou invadida por uma felicidade que não havia sentido até então. Uma felicidade *real*. Não tenho para quem telefonar, mas não importa: esta é minha família. Eu não preciso de mais nada.